



FILA DE ESPERA NO HOSPITAL DE BASE PARA MARCAR EXAMES DE LABORATÓRIO: UM DOS POUCOS DA REDE PÚBLICA DO DF QUE REALIZA HEMOGRAMA

# Sem exames de sangue

CECÍLIA BRANDIM

DA EQUIPE DO CORREIO

**A**lém da demora para marcar consultas e ser atendido nos prontos-socorros dos hospitais públicos e postos de saúde do Distrito Federal, os doentes enfrentam dificuldades para fazer os exames pedidos. Os laboratórios de análises clínicas estão em péssimas condições de funcionamento. Das 18 unidades, metade não realiza hemogramas, um dos exames mais pedidos pelos médicos. Em quatro deles, os testes são recusados há pelo menos um ano, segundo o Conselho Regional de Farmácia (CRF), que fez vistoria recente em 17 unidades laboratoriais.

Pelo menos 100 mil hemogramas deixaram de ser feitos pelos laboratórios desde julho do ano passado. O exame que faz uma análise completa do sangue humano serve para indicar predisposição a um grande número de doenças, detectar outras ou apontar a necessidade de outros testes. A Secretaria de Saúde do DF admite o problema e informa que a rede pública só faz hemogramas em situações emergenciais, embora o exame seja requisitado por médicos de quase todas as especialidades. "É um exame simples, barato, que ajuda tanto em avaliações de rotina como em situações de emergência", explica o professor de clínica médica da Universidade de Brasília (UnB), Leopoldo Luiz Lopes Santos Neto.



CARLOS ANTÔNIO CÂNDIDO, 47 ANOS, DECIDIU PAGAR PELO HEMOGRAMA

Para a diarista Maria Helena de Souza Ferreira, 32 anos, o caso do filho Gilson, 12 anos, é urgente. O garoto sofre de diabetes, doença descoberta recentemente pela família. Na terça-feira, a moradora de São Sebastião chegou cedo ao Hospital Regional da Asa Sul para garantir uma vaga na agenda de exames do laboratório. Tinha em mãos um extenso pedido do médico que atendeu Gilson, no mesmo hospital. Mas não conseguiu marcar o mais simples de todos, o hemograma. "Não fazemos esse exame há mais de um ano. A senhora terá que pagar em um laboratório particular", ouviu da atendente.

A diarista saiu preocupada com os gastos. Além do exame, que custa em torno de R\$ 20, gastará com o transporte até o labo-

ratório. "Não tenho condições de comprar o que ele precisa comer, vai ser difícil", lamentou. A história da diarista se repete em outros postos da rede pública. Por telefone, funcionários dos laboratórios dos hospitais de Base, da Asa Norte e do Gama confirmaram a dificuldade de atender a todos os pedidos. Como consequência, aumenta o movimento nos laboratórios da rede privada. São pacientes com exames que trazem o carimbo da Secretaria de Saúde. As empresas oferecem descontos de até 50%. O professor de judô Carlos Antônio Cândido, 47 anos, decidiu não enfrentar a fila e pagar pelo exame particular.

Além dos problemas com as análises, os fiscais do CRF-DF detectaram falta de profissionais qualificados em todos os labora-

## O QUE FALTA

- ✔ Exames de sangue suspensos por falhas nos equipamentos. Em alguns casos, o problema se arrasta há mais de um ano
- ✔ Infra-estrutura precária. Faltam materiais e condições de trabalho para os servidores
- ✔ Carência de profissionais qualificados

tórios visitados. Cada unidade deve ter um responsável técnico com nível superior, o que não ocorre nos 17 centros vistoriados. No caso do Hospital Regional de Samambaia, o levantamento aponta que a unidade de análises clínicas funciona sob o comando de um servidor concursado, com carreira de nível médio. O caso mais grave foi encontrado no laboratório do Hospital Regional de Brazlândia, que continua aberto, embora tenha sido interditado pela Vigilância Sanitária.

Nos laboratórios dos hospitais regionais de Ceilândia e Taguatinga, os hemogramas não são confiáveis, segundo o coordenador da fiscalização, José Batista de Oliveira Filho. Os equipamentos são antigos. Têm de duas a três décadas de funcionamento.